**O conceito de Cultura redefinido e renovado no ambiente da Internet.**

Martin Grossmann

*Renovação do conceito de cultura. Expressões culturais no campo da comunicação social da rede. Noções de diversidade, pluralidade e identidades culturais em transição*".

De fato, é um grande desafio pensar um conceito de Cultura diante das incríveis e radicais mudanças que vêm ocorrendo desde 1995, ano em que a internet se tornou pública. Eu estava lá e na USP. Somos da geração influenciada pelas visões não só de um Marshall Mcluhan ou Vilém Flusser como também de Tim Berners-Lee e Yochai Benkler, entre outros. Naquele tempo, recém-chegado na USP, desta vez como professor, fui convidado a integrar a equipe interdisciplinar montada por Imre Simon para a implantação da *Internet 1*, que foi realizada em estreita parceria com as outras universidades estaduais e, principalmente, com a FAPESP. O desejo coletivo era o de que esta rede operasse como esfera pública.

O que era prioritário para nós, naquele momento, era a acessibilidade. Fonte aberta! Outra meta era a de descentralizar a produção de informação.  Esse espírito de livre acesso, participativo, que inclui a livre expressão também, e a possibilidade de desenvolvimento em rede de um conhecimento e uma forma de comunicação que fosse coletiva, pública perdurou, no caso da USP, em parte, até a decisão de  se encerrar o sistema proprietário de e-mail da USP, o que ocorreu, recentemente, na gestão do reitor Marco Antonio Zago. A USP fez um acordo com a Google, que passou a gerenciar nossos e-mails e a disponibilizar outras ferramentas que a internet fornece hoje. Todo um patrimônio tecnológico,  informacional e de autogestão em TICs foi deixado de lado em favor de facilidades que são oferecidas e controladas por agentes externos à universidade.

O quadro que vivemos é intrigante e desafiador, uma vez que as redefinições do conceito "cultura" extrapolam os cânones e dispositivos eurocêntricos que nortearam as políticas públicas até recentemente. Entraram em cena outras demandas, outras referências, outras identidades, outras representações, outros desafios, outras cosmologias. Analisando as políticas públicas das eras FHC e Lula, vamos nos certificando que estamos no curso de uma passagem de uma estrutura eurocêntrica de cultura para o entendimento e a vivência da cultura como sistema complexo. A gestão "tropicalista" Gilberto Gil e Juca Ferreira no Ministério da Cultura foi muito sensível a esse fenômeno, a essa complexidade. Na verdade investiu, não só na acessibilidade, na liberdade de expressão e manifestação, como também na diversidade e na pluralidade – seja nas instituições (cultura material) como também nas redes e nos produtores “fora do eixo”, periféricos às centralidades hegemônicas da arte e da cultura.  Os “pontos de cultura” são emblemáticos neste sentido.

Tudo isso foi hiperdimensional, como a internet é – ou poderia ser ainda muito mais! Fundamental também nesse sentido, é estimular reflexões que possam incluir a cultura material e seus campos de atuação diante dessa complexidade, o que demanda não só uma revisão dos modos de atuação institucional como a interação entre o material e o virtual, bem como a ativação dos interstícios entre esses dois campos.

Não podemos mais, nós, acadêmicos brancos, homens, professorar o conhecimento individualmente, principalmente quando a dinâmica cultural é gerada por um contexto  hiperdimensional, plural, diverso, colorido. Imperativo procurar modos mais coletivos e participativos para discutir isso. A universidade precisa interagir com outros saberes, agentes, produtores, pensadores, externos ao seu ambiente protegido e incentivar processos de descolonização e decolonização de seu “sistema operacional”.

Sendo assim, convidei a cineasta, Juliana Vicente, criadora e diretora de *Afronta!* (série da Netflix)  para contribuir nessa discussão. A dinâmica ainda não ficou totalmente estabelecida, mas certamente teremos um debate muito pungente e motivante.